

**CORES DO COTIDIANO: QUESTÕES DE GÊNERO NA DIVISÃO SEXUAL DO
TRABALHO NO K-DRAMA UMA DOSE DIÁRIA DE SOL**

**THE COLORS OF EVERYDAY LIFE: GENDER ISSUES IN THE SEXUAL DIVISION
OF LABOR IN THE K-DRAMA *DAILY DOSE OF SUNSHINE***

Miriam Mendes Costa
*Doutoranda em Cultura e Território pelo PPGCULT da UFNT
(Universidade Federal do Norte do Tocantins)*
E-mail: miriam.costa@ufnt.edu.br

Renata Rauta Petarly
*Doutora em Desenvolvimento Regional pela Universidade
Federal do Tocantins, professora do Programa de
Pós-Graduação em Cultura e Território (PPGCULT) - UFNT*
E-mail: renata.petarly@ufnt.edu.br

Plábio Marcos Martins Desidério
*Doutor em Comunicação pela Universidade de Brasília,
professor e orientador do Programa de Pós-Graduação em
Cultura e Território (PPGCULT) - UFNT*
E-mail: plabio.desiderio@ufnt.edu.br

Resumo

O objetivo deste artigo é analisar as questões de gênero presentes na divisão sexual do trabalho da série dramática sul-coreana “Uma dose diária de Sol”. Através deste objetivo classificar as profissões apresentadas na série, investigar os estereótipos de gênero associados às profissões retratadas e discutir como a divisão do trabalho contribui para a percepção das profissões atribuídas a cada gênero. A pesquisa se utilizará de um produto audiovisual para observar na construção da série os elementos que servirão como pontos de observação a partir dos objetivos propostos. As discussões realizadas tomarão como base autoras que discutem gênero e divisão sexual do trabalho como bell hooks (2019), Melo, Morandi e Dweck (2021) e Souza-Lobo (2021). A base metodológica para a análise da série contará com as elaborações defendidas por Fiske (2011) através do uso dos códigos sociais classificados em: realidade, representação e ideologia. O estudo permitiu concluir que através desta produção audiovisual também se pode fazer uma análise do mundo real, através das representações e perpetuação das desigualdades de gênero que estão postas no mundo do trabalho.

Palavras-chave: Divisão sexual do trabalho, Gênero, Códigos televisivos.

Abstrat

The objective of this article is to analyze the gender issues present in the sexual division of labor in the South Korean drama series "A Daily Dose of Sunshine." To this end, we classify the professions presented in the series, investigate the gender stereotypes associated with the professions portrayed, and discuss how the division of labor contributes to the perception of professions attributed to each gender. The research will use an audiovisual product to observe the elements in the series' construction that will serve as observation points based on the proposed objectives. The discussions will be based on authors who discuss gender and the sexual division of labor, such as bell hooks (2019), Melo, Morandi, and Dweck (2021), and Souza-Lobo (2021). The methodological basis for analyzing the series will rely on the elaborations advocated by Fiske (2011) through the use of social codes classified as: reality, representation, and ideology. The study concluded that through this audiovisual production, one can also analyze the real world, through the representations and perpetuation of gender inequalities that exist in the world of work.

Keywords: Sexual Division of Labor, Gender, Television Codes.

Introdução

A discussão sobre a divisão sexual do trabalho chama a atenção por ser uma temática com conjecturas que estão cada vez mais sendo visibilizadas ao questionar os papéis masculinos e femininos enraizados em nosso ambiente social. Esse fenômeno, construído e enraizado nas famílias, escolas, ambientes religiosos e no próprio Estado, tem sido responsável por determinar quais são as funções e papéis devem ser exercidos a partir da divisão de gênero. O resultado dessa dinâmica impacta as várias atribuições delegadas nos ambientes familiares e sociais, dentre eles o mundo do trabalho. A estrutura, muitas vezes naturalizada, reflete e perpetua desigualdades, delegando a homens e mulheres tarefas distintas e valores desiguais.

A partir deste cenário, se tomou como objeto de análise uma produção audiovisual, que tem como título *Uma dose diária de sol* (2023), onde se buscou navegar em suas cenas e tentar descobrir se era possível perceber as relações de gênero no ambiente de trabalho ficcional demonstrado nesta série televisiva. Nesta série que foi utilizada para a observação, por vezes, se encontram representadas as construções sociais que podem ser observadas no mundo não-ficcional, por isso a importância de se refletir sobre o que se assiste e consome a partir de um material televisivo.

Diante disso, o objetivo será analisar as questões de gênero presentes na divisão sexual do trabalho na série "Uma Dose Diária de Sol" e através dessa ideia geral investigar os estereótipos de gênero associados às profissões retratadas nesse universo ficcional, além de discutir de que forma a divisão do trabalho contribui para a distribuição das profissões atribuídas a cada gênero. Para tal estudo a base teórica se fundamenta nas discussões sobre gênero e divisão sexual do trabalho tratadas por bell hooks (2019), Melo, Morandi e Dweck (2021) e Souza-Lobo (2021) e em relação as questões sobre a dominação masculina nos conceitos tratados por Bourdieu (2007). A análise metodológica será conduzida a partir da perspectiva de Fiske (2011) que discute os códigos televisivos classificados em três níveis: realidade, representação e ideologia, conjunto que permite a desconstrução dos elementos cenográficos, dos diálogos dos personagens e das características impressas na série que poderão contribuir para evidenciar a relação de desigualdade que está marcada entre homens e mulheres no mundo do trabalho.

O presente artigo está estruturado em três partes principais sendo a primeira o percurso teórico onde se utilizará as bases conceituais para a discussão do que será tratado no trabalho, depois o caminho metodológico para dar elementos que respaldem o uso da série e das apreciações buscadas através dela e, por último, a análise de algumas a partir das vestimentas, iluminação, falas, cores e sons que fazem parte dos fragmentos escolhidos

como objeto de investigação dentro da temática da divisão sexual do trabalho. Terminando com a conclusão que deverá apontar quais os resultados do problema proposto e dos objetivos elencados para a produção deste artigo.

Percurso teórico

Para tratarmos a temática sobre a divisão sexual do trabalho observada na série sul-coreana “Uma dose diária de sol” será necessário trazeremos para discussão alguns pontos sobre as questões de gênero e a maneira como elas são reproduzidas dentro de qualquer ambiente social, nesse caso específico, no trabalho e na diferenciação mostrada entre mulheres e homens no exercício de suas funções dentro de um hospital psiquiátrico, local onde está ambientado o seriado.

Assim, ao analisar as atividades desenvolvidas dentro desta instituição pode se ter pistas para entender como acontecem as diferenciações entre as profissões “escolhidas” por mulheres e homens dentro do ambiente de trabalho. A segregação observada, em sua maior parte, entre o trabalho feminino e o masculino, como está posto no drama, funciona como espelho, sendo representada através da série o que transcorre na vida cotidiana. Nela se podem ver sinalizados caminhos para entender como a realidade está posta para as profissões tidas ou vistas como femininas.

Se tomarmos como base o exemplo que está em discussão, que é a profissão de enfermagem, em destaque no drama, se pode dizer que nela se observa uma maior quantidade de mulheres exercendo este trabalho, enquanto no mesmo ambiente a maior parte dos homens são médicos, profissões que são vistas de forma diferenciada em relação a importância econômica e social. A valoração da medicina em contraponto a enfermagem, tanto no drama quanto socialmente, é mostrada através do exercício destes trabalhos. No primeiro caso, em sua maior parte é feito pelo sexo masculino e no segundo caso pelo sexo feminino, marcando os elementos da divisão sexual no trabalho, conforme menciona Cramer (apud Magalhães, 2021, p.51):

A identidade profissional na enfermagem está atrelada ao gênero feminino e a profissão foi pensada e construída delimitando-se as relações de poder entre medicina e enfermagem. O poder é centrado na medicina na qual os médicos são detentores dos saberes legítimos sobre a doença e a enfermagem é uma profissão de apoio ao saber dominante do médico e demanda competências que são consideradas femininas.

Neste sentido, se pode dizer que as estruturas que estão postas dentro deste ambiente de saúde são reprodutoras de um panorama no qual as mulheres se deparam na dinâmica do mercado de trabalho. Nele se repetem padrões que são construídos e que acabam por provocar uma delimitação dos espaços que podem ser ocupados por elas, restringindo cargos, funções e atividades que não são nomeadas para o exercício feminino, conforme discute a autora Hirata (apud LEONE; KREIN; TEIXEIRA, 2017, p. 148) quando menciona que:

Um indício da desigualdade está na segregação horizontal e vertical: as mulheres não têm acesso às mesmas profissões que os homens, estão limitadas a um número restrito de atividades, [...] e têm poucas perspectivas de promoção [...]. A segregação dos empregos e das atividades em todo o mundo é o que [...] chama de “princípio da separação” (distinção entre trabalho masculino e feminino).

Esse fator nos leva a reflexão de que para além dos espaços ocupados pelos homens em detrimento das mulheres, também se vive essa situação como resultado de um sistema capitalista que se beneficia do trabalho feminino, porque é visto como menos qualificado e por isso mais barato do que aqueles que são exercidos pelos homens. Neste sentido, a divisão sexual do trabalho traz o peso de um sistema que se aproveita desta desvalorização, remunerando as mulheres de forma distinta dos homens, conseqüentemente reproduzindo e aprofundando as desigualdades entre os gêneros, como reflete a autora Souza-Lobo (2021, p.154) ao dizer que:

A ideia de que a divisão sexual do trabalho não só separa e articula a produção e reprodução, mas estrutura relações no trabalho produtivo, permite recolocar a questão da relação entre a dinâmica das relações capitalistas de trabalho e a força de trabalho feminina sob um ângulo que integra os dois níveis, sexualizando as relações de trabalho e as relações sociais.

A análise que a autora traz, deixa à mostra que essa distinção existente dentro do ambiente produtivo é resultado de relações que estão para além dele e que moram na forma como a sociedade elabora as intencionalidades que fazem parte deste processo, porque o sistema capitalista, que hoje pode ser considerado mundial, possui em seu interior a necessidade da exploração dos corpos para que ele continue existindo e se reproduzindo, assim: “Se o capitalismo depende de uma estratégia de ‘dividir para reinar’, a configuração dessas divisões é construída socialmente através das relações de gênero, de classe, de raças e de práticas sociais (Souza-Lobo, 2021, p. 159).”

No caso que está em discussão tomamos como ponto de análise as questões de gênero para tentar entender como estão construídas estas relações dentro de um ambiente institucional. Estas práticas resultantes de uma construção social intrincada, se forem olhadas de maneira superficial, podem trazer a percepção errônea de que é “natural” o fato da maioria das mulheres estarem dentro de uma profissão relacionada aos cuidados de outras pessoas, justificando que elas nasceram para estas funções e para este tipo de atividade. Além do mais, também se deve ter cuidado sobre o olhar de “naturalidade” que é lançado aos homens e médicos que exercem suas atividades dentro de um hospital, em especial, no contexto em que seu trabalho é visto como mais importante e legítimo do que aqueles realizados pelas mulheres enfermeiras.

Essa percepção em destaque no parágrafo anterior, faz parte das justificativas elaboradas socialmente para darmos explicações de o “porquê” alguns cargos devem ou não ser assumidos por homens ou mulheres, mesmo que não seja nomeado verbalmente as ações resultantes dos comportamentos socialmente construídos, elas trazem em seu contexto as justificativas que se buscam para traçar essa característica que distribui dentro das profissões o que é mais adequado para ser exercido por mulheres; que não tem a mesma força física ou estrutural que homens, daquelas que devem ser exercidas por elas pelo fato de terem mais “delicadeza” ou “cuidado” no exercício da atividade.

Essas características vistas e discutidas sobre a natureza dos corpos, das atividades, da força que deve ser exercida, do tamanho que deve ter para o exercício produtivo, são colocadas à prova quando são trazidas à tona as discussões elaboradas por Bourdieu (2007). O autor em suas concepções teóricas contrapõe a ideia da natureza, mostrando como essa construção e percepção do mundo dividido entre o ser masculino e feminino está constituída socialmente, escancarando a ideia de que as diferenças não estão nos corpos como a sociedade tenta inculcar nos indivíduos, por isso menciona que:

Esses esquemas de pensamento, de aplicação universal, registram como que diferenças de natureza, inscritas na objetividade, das variações e dos traços distintivos (por exemplo em matéria corporal) que eles contribuem para fazer existir, ao mesmo tempo que as “naturalizam”, inscrevendo-as em um

sistema de diferenças, todas igualmente naturais em aparência; de modo que as previsões que elas engendram são incessantemente confirmadas pelo curso do mundo, sobretudo por todos os ciclos biológicos e cósmicos. (Bourdieu, 2007, p. 16)

A construção do entendimento sobre a divisão sexual do trabalho não se origina exclusivamente no ambiente produtivo, mas emerge e se consolida a partir de uma complexa articulação entre as diversas esferas sociais e se reproduz dentro dela e das instâncias que constituem o ambiente social. A forma de construção e a maneira como se vê o mundo do trabalho é resultante destas práticas sociais e de todo o processo de aprendizagem que está difuso dentro das famílias, das escolas, dos ambientes religiosos e nas práticas e ações do próprio Estado, porque são nessas relações vividas que se reproduzem todo e qualquer elemento social, como menciona Souza-Lobo (2021, p. 159): “A superposição e articulação de distintas esferas da prática social, muito mais do que lógicas inerentes ao capital, à estrutura da família ou ao Estado constroem as práticas, reproduzem-nas, reconstróem.”

Quando se pensa nas conjecturas trazidas para o texto, um dos questionamentos que surge é de que maneira se pode entender como se consolida a divisão de gênero no mundo do trabalho. Para responder, um dos caminhos é entender como se pauta a construção social e os mecanismos que foram estruturados para se chegar a um resultado tão intrincado e sofisticado como se tem hoje no ambiente social. Essa conformação constrói as diretrizes que levam mulheres e homens a internalizar ideias, normas, valores e crenças e, posteriormente, reproduzir falas, comportamentos e atitudes que externalizam as condições da divisão sexual do trabalho.

Ao se ponderar sobre essa perspectiva, se pode ancorar algumas reflexões sobre a temática a partir do que foi elaborado por Bourdieu (2007) em sua argumentação sobre a dominação masculina. Nesta discussão ele constrói elementos que vão dando pistas para se perceber como o sistema de crenças e valores estão enraizados nos indivíduos, fazendo-os acreditar que aquilo que está posto e que existe socialmente é naturalmente constituído. O autor mostra que é a partir desta percepção que se manifesta o resultado do *habitus*, característica nomeada por este teórico com o intuito de explicar a maneira como reproduzimos as estruturas das quais somos produtos e nas quais não percebemos como se dá a construção social num ciclo de manutenção que é um resultado elaborado coletivamente. Na linha de compreensão deste conceito temos elementos traçados por Pertarly (2021) que menciona em sua interpretação sobre o termo alguns pontos ao esclarecer que:

[...] o autor centra sua tese na busca pela dialética existente entre objetivismo e subjetivismo, ou seja, entre as disposições práticas de ação dos agentes e aos contextos práticos de sua aplicação. O *habitus* se traduz, então, na interiorização do exterior e na exteriorização do interior.

Neste sentido, se estruturam as divisões sexuais como a que está sendo observada no trabalho, pois na medida em que se constroem as categorias que mantém a ordem estabelecida socialmente, ao mesmo tempo, se constitui seu reconhecimento a partir de um grupo social, indicando um mecanismo onde estas estruturas continuam sendo incorporadas e reinventadas. As formas e as especificidades de enxergar o mundo pelos seres humanos não são inatas, mas moldadas por um sistema complexo que constrói e, por sua vez, procura naturalizar essas percepções sociais. O que parece ser uma visão orgânica e universal é, na realidade, um reflexo das construções do próprio ambiente social. Dessa forma, se pode dizer que a realidade se manifesta a partir do que foi socialmente instituído, conforme discute Bourdieu (2007, p.17):

A divisão entre os sexos parece estar na “ordem das coisas” como se diz por vezes para falar do que é normal, natural, a ponto de ser inevitável: ela está

presente ao mesmo tempo em estado objetivado nas coisas [...] em todo o mundo social e, em todo o estado incorporado, nos corpos e nos *habitus* dos agentes funcionando como sistemas de esquemas de percepção, de pensamento e de ação.

Esta condição construída dentro da estrutura hierárquica social, privilegia uma camada da sociedade que está formada pelo sexo masculino, posto nestas condições como o sexo dominante e, conseqüentemente, possuidor de privilégios que carregam dentro de suas condições elementos que tornam seu grupo o centro das atenções no meio social. Nesse formato e nas condições de existência, as elaborações simbólicas e as relações estabelecidas entre os gêneros estão amparadas nas condições que tornam classificatórias de diferença, através delas acontece a dominação masculina, como resultado desse exercício social.

Assim, o homem ocupa um lugar dado que não precisa de justificativas para que seja incorporado porque: “A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça [...] (Bourdieu, 2007, p. 18)”. Ele se fundamenta nas bases nas quais a sociedade se vê estruturada, que é androcêntrica, onde é a visão masculina que estabelece as perspectivas de construção social, econômica, política, religiosa, dentro das quais ele se torna o elemento favorecido pelas próprias condições criadas a partir de seu olhar em detrimento do outro gênero que entra nesta equação como o sexo faltante, porque “o princípio masculino é tomado como medida de todas as coisas (Bourdieu, 2007, p. 23)”.

A partir deste lugar de privilégio que se estende para a divisão no mundo do trabalho, as funções exercidas pelas mulheres sofrem constante desqualificação, porque o mundo é visto como algo dual e do ponto de partida masculino, onde através dos conceitos simbólicos os homens não precisam afirmar suas condições de existência como acontece com a condição do ser feminino. Nessa perspectiva de desvalor, elemento chave ensinado às mulheres, também está incorporado para além do trabalho no espaço público, o trabalho no âmbito doméstico, onde elas são relegadas a um segundo plano, socialmente construído.

Como a base principal no mundo do trabalho é material, estabelecida através dos valores de troca, as condições nas quais as mulheres se encontram nesse mercado são tidas como passageiras, mesmo sabendo que parte destas trabalhadoras dependem dos salários para a sobrevivência pessoal e familiar. Essa ideia de não pertencimento ao mundo do trabalho, mas ao âmbito doméstico, e de estarem apenas emprestadas para este ambiente, tornam esse grupo sempre vulnerável, porque nestas condições, segundo bell hooks (2019, p.81):

As mulheres são exploradas economicamente, mas também psicologicamente, nos seus empregos. São ensinadas pela ideologia sexista a desvalorizar as suas contribuições para a força de trabalho. São ensinadas pelo consumismo a acreditar que só trabalham por necessidade e escassez material, e não para contribuir para a sociedade, para exercer criatividade ou para ter a satisfação de realizar tarefas que as beneficiam a elas mesmas e aos outros.

Tendo sido retirado das mulheres, durante toda sua vida, a importância do exercício do trabalho que elas executam tanto no âmbito privado quanto público, elas fazem esse mesmo movimento de desvalorização sem perceberem a diferença que seu trabalho produz, muito menos, a importância social que resulta de suas atividades. Às mulheres não foi ensinado enxergar o espaço do trabalho como parte de suas vidas e das funções que executam, muito menos como um local para exercer a confirmação de suas identidades como seres humanos.

Nesse formato estão postos, em primeiro lugar, as atividades domésticas que são importantes para o funcionamento da vida cotidiana, mas realizadas na quase totalidade pelas mulheres. Este trabalho sofreu um esvaziamento em sua relevância, sendo visto como algo simples, fácil e leve de se realizar, mesmo dependendo de muitos fatores e sendo constituído

de situações que requerem um enorme tempo de trabalho e de vida destas mulheres. Por isso, bell hooks (2019) faz um contraponto para esta discussão, mostrando através de suas colocações quais seriam os resultados se o posicionamento sobre esta função fosse o contrário do que foi construído para as mulheres. Neste sentido ela menciona que: “Se tivessem sido ensinadas a valorizar as tarefas domésticas, poderiam encarar todos os trabalhos de maneira diferente. Poderiam ver o trabalho como uma confirmação da sua identidade, em vez de uma negação. (bell hooks, 2019, p. 83)”.

Utilizando as considerações acima se pode exemplificar tomando como base a execução de uma tarefa diária doméstica como o cuidado com uma criança que está em fase escolar. Para que ela seja levada à escola, antes é necessário que seja despertada, acompanhada no processo de higienização, ter a oportunidade de se alimentar, de estar uniformizada, de ter sido verificado os seus pertences, além de anteriormente ter sido acompanhada nas tarefas. Essa simples descrição para a qual carecem mais detalhes mostra quantos conhecimentos estão envolvidos no processo desta atividade, além de todo o tempo de trabalho de cuidado investido que não é remunerado. Por isso, se evoca nas discussões a necessidade de pensar na mensuração deste trabalho como uma forma de provocar reflexões que contribuam para entender e mudar o processo de invisibilidade, conforme mostra Melo; Morandi, Dweck (2021, p. 111):

A mensuração do trabalho não remunerado [...] é explicitar [...] sua relevância social para a geração de riqueza. Este trabalho é realizado por pessoas em favor dos membros de sua família, sem receberem por isso qualquer remuneração. Por não ser comercializado no mercado e, portanto, por não ter um preço explicitado, esse trabalho torna-se invisível à sociedade.

Através do exemplo citado e das considerações destacadas se pode traçar paralelos entre as discussões e o entendimento de que as atividades tanto do âmbito doméstico quanto do público possuem suas similaridades que é a compreensão da complexidade que faz parte da execução destes trabalhos que não é entendida como tal porque sua realização é conferida às mulheres. Tendo sua importância subtraída ao ser comparada a outras atividades que são executadas e pertencentes ao universo masculino. Nesse processo, que está contido a divisão sexual do trabalho, também se contempla a desigualdade social da mulher e do seu reconhecimento.

Sendo assim, o uso da série sul-coreana “Uma dose diária de sol” nos traz elementos para entender como as produções audiovisuais não estão desprendidas da realidade, mas funcionam como um formato de entendimento, ou ainda, uma percepção do que está sendo representado em tela. Dessa maneira, se pode dizer que através dela se apresenta uma manifestação da realidade onde a: “linguagem cinematográfica, [...] ajuda-nos a estruturar o nosso imaginário [...] que se encontra moldado por essas variadas imagens que conquistam a visão e influenciam a leitura do mundo cotidiano. (La Rocca, 2012, p. 47)”.

Partindo desta escolha, que está sendo utilizada como elemento investigativo, se pode dizer que a produção midiática, assim como a realidade, congrega significados que estão em movimento e em permanente construção, “os significados não são produzidos pelo sistema de representação, são resultados de práticas significantes” (Montoro e Caldas, 2006, p.22) e dentro dela produz sentidos e se define. Sendo este drama o caminho para se entender como a divisão do trabalho contribui para a percepção das profissões atribuídas a cada gênero.

Caminho metodológico

Uma dose diária de sol (2023), objeto de estudo deste artigo, é uma série asiática produzida na Coreia do Sul, contendo um total de 12 episódios, com duração de cerca de uma

hora. Essa produção está categorizada no que é nomeado de K-drama¹, pelo fato de ter sido elaborada pela indústria do entretenimento sul-coreano e pertencer ao grupo das séries dramáticas, também comumente conhecidas como doramas. Elas são constituídas de vários subgêneros como: romance, policial, aventura, ficção, fantasia entre outras modalidades, nas mesmas categorias que são organizadas as produções criadas em outras partes do mundo.

Tendo como justificativa a intensa popularidade que tem sido observada no consumo destas séries, se escolheu uma das quais estavam disponíveis na plataforma de streaming Netflix e que pudesse estabelecer uma ponte para a discussão da temática do artigo que versa sobre as questões que envolvem a divisão sexual do trabalho. No drama *Uma dose diária de sol* (2023) a história se desenvolve no Centro Médico da Universidade Myungshin (nome que aparece aos 12min e 21s na legenda do terceiro episódio da série) e tem como foco os transtornos de saúde mental. A partir do drama se buscou entender as marcações da divisão sexual do trabalho através das falas dos personagens, na relação de poder que aparece nas cenas, nas vestimentas diferenciadas entre os grupos, nos afazeres do dia a dia e na relação com os pacientes tratados naquele ambiente.

Sendo assim, o trajeto metodológico escolhido para a análise da série e para compor esta discussão está baseado nas elaborações teóricas tratadas por Fiske (2011), que considera o ambiente televisivo como um texto composto de múltiplas características que possui significados e pode ser lido tendo como base o ambiente cultural que o elabora e o recebe, considerando assim: “[...] a televisão como agente cultural, nomeadamente como provocadora e circuladora de significados. (Fiske, 2011, p.1, tradução nossa)”².

Com base nas argumentações do autor se buscou traçar um caminho no qual se concebe a televisão como um ecossistema, um ambiente onde elementos do universo audiovisual são reproduzidos e ressignificados. Assim, nossa análise não se restringirá ao aparelho físico ou a formatos midiáticos específicos. A preocupação se norteará em compreender o universo da produção simbólica percebida através de elementos como cenas, vestimentas, cores, iluminação, falas, ambientes e a atuação dos atores e atrizes. Isso se dará ao considerar as interfaces que envolvem os códigos televisivos, os quais se baseiam nos níveis de realidade, representação e ideologia, conforme discute Fiske (2011).

Os códigos sociais classificados pelo autor estão divididos em: nível 1 – realidade; nível 2 – representação; nível 3 – ideologia. Através da primeira categorização nomeada de realidade se pode entender como as vestimentas, interações entre médicos e enfermeiras, organização do ambiente hospitalar e as falas entre os representantes da saúde e pacientes destacam os códigos convencionados em nossa cultura, porque: “Um código é um sistema de signos governado por regras, cujas regras e convenções são compartilhadas entre os membros de uma cultura e que é usado para gerar e circular significados dentro e para essa cultura. (Fiske, 2011, p. 4, tradução nossa)”³. Assim, as formas de interação, as cores dos uniformes escolhidas para o seriado e a abordagem são vistas como resultados das decisões feitas pelas pessoas que produziram esse material usando elementos da sua própria cultura para manifestar significados que estão postos dentro do meio social.

Neste sentido, as ideias situadas na discussão estabelecem uma similaridade com as elaborações feitas dentro dos estudos culturais, nos quais as formulações sobre a circulação dos valores simbólicos são representadas através das interações e da realidade partilhada, como discute Hall (2016, p.31): “Representação é uma parte essencial do processo pelo qual os significados são produzidos e compartilhados entre membros de uma cultura.” Sendo

¹ O uso do termo ‘K-Drama’ serve para diferenciar as produções televisivas feitas pela Coreia do Sul daquelas produzidas por outros países asiáticos — desta ramificação surgem outros termos como o ‘C-Drama’ para as séries chinesas, o ‘J-Drama’ para as séries japonesas, e assim por diante. Contudo, todas essas produções caem na categoria do ‘dorama’, termo japonês que também significa ‘drama’, e é usado para referir-se a qualquer telessérie asiática. (Rosa, 2019, p.14)

² [...] television as a cultural agent, particularly as a provoker and circulator of meanings. (Fiske, 2011, p.1).

³ A code is a rule-governed system of signs, whose rules and conventions are shared amongst members of a culture, and which is used to generate and circulate meanings in and for that culture.. (Fiske, 2011, p.4).

assim, nossa visão de mundo, pensamentos e ações se constituem a partir da forma como entendemos as produções culturais e seus discursos, as suas posições ideológicas, bem como seus elementos estéticos, como mostrados no seriado em análise.

Dentro do debate que está sendo tratado, é necessário lembrar que nas relações sociais um dos pontos que se estabelece como divisor são as diferenciações estabelecidas entre os sexos, entre homens e mulheres, que estão organizadas no que é nomeado de questões de gênero. A partir desta separação se constroem as relações de poder e a divisão entre estes dois grupos. No caso em questão, se toma como princípio a rejeição ao uso direcionado para as características biológicas, percepção utilizada para justificar a divisão entre homens e mulheres. No entanto, as elaborações são vistas para além delas, onde se organizam as referências concretas e simbólicas da vida social, como mostra Scott (1995, p. 75):

[...] o termo "gênero" [...] é utilizado para designar as relações sociais entre os sexos. Seu uso rejeita explicitamente explicações biológicas, como aquelas que encontram um denominador comum, para diversas [sic] formas de subordinação feminina, nos fatos de que as mulheres têm a capacidade para dar à luz e de que os homens têm uma força muscular superior. Em vez disso, o termo "gênero" torna-se uma forma de indicar "construções culturais" - a criação inteiramente social de ideias [sic] sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres. Trata-se de uma forma de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e de mulheres.

Assim como se pode entender as unidades constantes dentro do seriado como características representacionais de uma realidade dada, no nível 2, nomeado pelo autor Fiske (2011) de representação, as análises dos trechos do drama podem ser compreendidas em uma escala mais aprofundada porque nesta etapa se procura entender as escolhas de quem transmite os códigos representacionais. Nesse plano se observam as narrativas, os conflitos, os personagens, as ações, os diálogos, os cenários, além das escolhas de iluminação, edição, som, ou ainda, o posicionamento de câmera, conforme descreve o autor ao mostrar esse segundo nível de investigação dos elementos que compõe uma produção seriada utilizando os códigos televisivos.

As diversas nuances que estão postas dentro de um produto audiovisual nem sempre estão claras para quem assiste, porque nem todos os elementos são explicativos ao comporem uma cena ou episódio, muitos deles são utilizados para dar maior ou menor visibilidade para a situação ou para o personagem que faz parte daquele momento. No entanto, nenhum dos itens citados anteriormente são utilizados de forma despreziosa porque o resultado do olhar humano para o que se produz contempla sempre uma proposição e escolha que afeta o que está sendo construído.

Dentro destes códigos televisivos o último passo de análise está no nível 3, ao qual o autor se refere como ideológico. Nele se procura explicar o conjunto de estruturas em que se assenta a sociedade, mostrando como estão organizados os significados construídos nos determinados grupos sociais e como estes contribuem para a propagação das concepções estabelecidas, lembrando que o resultado deste processo contribui para manter as relações que circulam no ambiente social. Nesse quesito, para compreender como os códigos ideológicos operam, o caminho deverá ser uma análise crítica do que vemos e recebemos através das produções audiovisuais a que estamos expostos, pois nelas, assim como em qualquer ambiente social, nos deparamos com as nuances e as estruturas sociais nas quais estamos inseridos. Assim, o que nos é apresentado como "natural", nas variadas vezes, é uma resultante da construção social organizada por ideologias dominantes, que no caso em questão, legitima o patriarcado e a diferença entre os gêneros. Conforme mostra Fiske (2011, p. 13, tradução nossa)⁴:

⁴ This analysis has not only revealed the complexity of meanings encoded in what is frequently taken to be shallow and superficial, but it also implies that this complexity and subtlety has a powerful effect upon the audience. It implies that the wide variety of codes all cohere to present a unified set of meanings that work to maintain, legitimate, and naturalize the dominant ideology of patriarchal capitalism. (Fiske,

Esta análise não só revelou a complexidade de significados codificados no que frequentemente é considerado superficial, como também sugere que essa complexidade e sutileza exercem um efeito poderoso sobre o público. Implica que a ampla variedade de códigos se articula para apresentar um conjunto unificado de significados que trabalham para manter, legitimar e naturalizar a ideologia dominante do capitalismo patriarcal.

A partir destes apontamentos feitos por Fiske (2011) se pode estabelecer um entendimento de que a associação entre o que assiste, interage ou consome a partir de uma produção audiovisual está diretamente relacionada com as camadas de significados que estão contemplados em sua constituição. Através dos códigos sociais que se desprende das suas elaborações desvenda-se essas percepções que estão no mundo não-ficcional e são reproduzidas no ambiente ficcional, criando possibilidades de se entender como está sendo representada a divisão sexual do trabalho na série através dos grupos em destaque que são formados por enfermeiras e médicos de um hospital psiquiátrico.

Análise sobre a série uma dose diária de sol

No elenco da série participam como os principais atrizes e atores conforme descrito na IMDb (2023): Park Bo-young (protagonista que atua como uma das enfermeiras transferidas para a ala psiquiátrica do hospital), contracenando com o ator Yeon Woo-jin (médico proctologista que estabelece uma aproximação com a atriz principal ao longo da trama e a construção de uma relação afetiva). Atuam também o ator Jang Dong-yoon (com o papel de melhor amigo da protagonista e que no desenrolar da série se mostra acometido por uma doença mental, das muitas que são discutidas no drama), finalizando o elenco principal temos uma atriz veterana, Lee Jung-eun (enfermeira-chefe com a qual a protagonista desenvolve uma proximidade em resposta ao trabalho desenvolvido, mostrando uma preocupação desde a chegada da Jung Da-eun para a ala Psiquiatria e seu acompanhamento no trabalho mostrado ao longo dos episódios).

A série discorre sobre a relação das enfermeiras e suas experiências ao trabalhar no departamento de Psiquiatria deste hospital. Neste ambiente tenso e em meio ao caos, elas mostram como constroem parcerias com algumas das colegas de trabalho e os desgastes que passam, em especial, na relação com os médicos e com as outras mulheres em locais de poder. A atuação da enfermeira-protagonista, vivida pela atriz Park Bo-young, se destaca pelo olhar atencioso e cuidadoso na relação com os pacientes sob seus cuidados, elementos que se tornam ao longo do drama fontes de desgaste e doença, conforme está presente no desenrolar da história e descrita em parte da sinopse.

[...] Uma Dose Diária de Sol é uma série comovente que mergulha na vida de Da-eun (Park Bo-young), uma jovem enfermeira que ingressa na ala psiquiátrica do hospital, o local em que o sol brilha primeiro todas as manhãs. Ao encontrar pacientes que enfrentam doenças mentais que vão de ansiedade social aos transtornos bipolar e delirante, ela aprende a lidar com mundos complexos e lutas únicas com empatia. (*Uma dose diária de sol*, 2023)

Nesse formato se trará como hipótese que o ambiente hospitalar mostrado na série reproduz os estereótipos de gênero que são observados na vida cotidiana, ao mostrar a predominância de mulheres nos papéis de enfermagem, associados aos trabalhos de cuidado, a execução de atividades com menos prestígio e menor posição social, em

contrapartida da maioria dos homens que ocupam as posições de médicos, relacionadas a autoridade na área, aos conhecimentos científicos da medicina e maior status social.

Assim, quando a série se inicia e os personagens são apresentados ao público, a trama mostra um médico em tela dando orientações para os problemas de saúde tratados naquela unidade, num local individualizado. Na sequência aparece a enfermaria, recinto coletivo, com várias mesas abarrotadas de papéis, cercada por carrinhos de medicamentos, armários e composta por mulheres, em maior quantidade do que homens, que discutem as orientações recebidas dos médicos para os pacientes. Neste primeiro episódio surge outro ponto paralelo ao que se discute sobre a divisão sexual do trabalho, pois o médico demonstra seu conhecimento através das explicações dadas a família de uma doente e no tocante a enfermeira mostra os cuidados nos procedimentos de internação e nas condições da paciente que ficaria internada no hospital.

Para entender como o nível dois, nomeado por Fiske (2011) de representação pode ser visto, tomaremos como exemplo outro trecho da série que está contemplada dentro do episódio 2, na fala da personagem Min Deul-re, representada pela atriz Lee Yi-dam, aos 36min e 15s (*Uma dose diária de sol*, 2023). Nessa cena uma enfermeira se questiona sobre o fato de estar sendo obrigada a dar novas explicações sobre a condição de um dos pacientes a cada parente que chega à enfermaria. A inquietação sobre a situação se remete ao fato de que o médico havia permitido vários visitantes contrariando a normativa do hospital de que cada paciente poderia ter somente a autorização de uma visita. Mesmo inconformada com a situação ela apenas assente e diz: “Sabe como é, aceitam explicações curtas dos médicos e esperam os detalhes dos enfermeiros”.

A partir do trecho em destaque se mobiliza conhecimentos para se buscar entendimento do que foi demonstrado por Fiske (2011) sobre os códigos sociais de análise. No exemplo se toma como base o termo nomeado de representação. Nesta elaboração metodológica o autor ancora a realidade (nível 1) para dar suporte a representação (nível 2) na qual se contempla significados que farão parte de uma ponte para o nível 3, onde se encontram os códigos ideológicos, última etapa utilizada para explicar os processos que tratam a televisão como um texto, tomado no artigo como paralelo para a análise audiovisual da série sul-coreana (*K-drama*) “Uma dose diária de sol”.

Nesta perspectiva se pode dizer que as escolhas e nuances técnicas utilizadas na elaboração de um programa, uma série, um vídeo, um filme, ou outro produto qualquer dentro do universo audiovisual contribuem para a significação do material que está sendo construído. Mesmo que aparentemente sejam elementos que não parecem conter atribuições representacionais como se observam nas narrativas ou posicionamentos dos personagens, eles integram todo o processo que transforma o enredo e as características técnicas num produto comunicacional completo de intencionalidades. Os ângulos de uma cena, os closes que mostram a proximidade dos personagens, a cor das vestimentas, as expressões marcadas, ou ainda, as locações, fazem parte de todo o aparato e das preferências que compõem os códigos representacionais, conforme discute Fiske (2011, p. 152, tradução nossa):

Esses efeitos decorrem da maneira como "o real" é usado para autenticar a representação, que, portanto, recebe um status objetivo – o real parece existir por si só e a representação é julgada de acordo com a quão próxima se aproxima dele: representação é vista como reflexiva, não produtiva.⁵

Na cena que foi escolhida para a discussão os elementos de centralidade da personagem durante o seu comentário, o enfoque nas expressões, o ângulo da cena, o desfoque do fundo da imagem, todos são elementos constitutivos de uma composição que procura dar um simbolismo ao assunto que está sendo tratado nesse fragmento do episódio,

⁵ These effects stem from the way that "the real" is used to authenticate the representation which is thus granted an objective status-the real appears to exist in its own right and the representation is judged according to how closely it approximates to it: the representation is seen as reflective, not productive. (Fiske, 2011, p.152).

como um trecho que deve chamar a atenção do leitor / espectador desta produção. Esses elementos destacados trazem à tona o que o autor Fiske (2011) mostra em seu texto ao elencar o que nomeia em sua abordagem de representação.

Esses elementos que estão no nível ideológico podem ser observados em toda a série, no entanto, para servir como exemplo se tomará como base o episódio 07 (*Uma dose diária de sol*, 2023), no qual se observam detalhes mais aprofundados referentes a discussão da temática sobre a divisão sexual do trabalho. Nesse momento da série, além de destacar aspectos das discussões de gênero, também se estabelece uma similaridade ancorada nas perspectivas ideológicas discutidos por Fiske (2011) quando menciona os níveis dos códigos televisivos em suas elaborações, usados neste artigo como espelhamento para entender e analisar a série.

No episódio em questão, se observa a repetição de uma das reuniões regulares com a equipe do hospital, nela fica marcada a diferenciação entre o grupo de médicos e enfermeiras. Durante esta reunião se presencia os médicos em cadeiras individualizadas ao longo de uma mesa posta no centro da sala que dominam a discussão sobre os tratamentos e as necessidades dos pacientes, além das orientações elaboradas para o grupo de enfermagem. As enfermeiras, por sua vez, estão num banco coletivo atrás dos médicos, ouvindo suas explicações, sem ter a oportunidade de fazer considerações sobre o que está sendo discutido. Além do mais, as formas de comportamento observados durante o trecho do episódio mostram como estão postas as diferenças entre estes dois grupos sociais atuantes no mundo do trabalho.



Imagem 1 – Printscreen - *Uma dose diária de sol* – Episódio 7 – Cena: 35 min e 11s

Neste sentido, ao interpretarmos os fragmentos de textos dispostos na série que está sendo estudada, lemos os personagens num processo ativo e complexo que nos permite ir e vir entre a realidade e o universo audiovisual. A compreensão do que está sendo mostrado permeia os personagens que não são apenas vistos como indivíduos na tela ou na página, mas portadores de significados sociais e ideológicos mais amplos, por isso: “Ler o personagem exige que o espectador negocie com grande delicadeza a fronteira entre a representação e o real e a relação ideológica entre eles. (Fiske, 2011, p. 179, tradução nossa)”⁶. Como pode ser mostrado no diálogo abaixo que extrapola o mundo do trabalho, mas ao mesmo tempo, mostra como se reproduz a divisão sexual do trabalho.

⁶Reading character requires the viewer to negotiate with great delicacy that boundary between the representation and the real and the ideological relationship between them. (Fiske, 2011, p.179).

Cena entre a enfermeira-chefe Song Hyo-shin e uma enfermeira sênior da ala psiquiátrica Park Soo-yeon – 5º episódio - 24min:

SONG HYO-SHIN: Senhorita Park conferiu a agenda?

PARK SOO-YEON: Sim senhora. Eu vi que você me deu o final de semana inteiro de folga. Obrigada.

SONG HYO-SHIN: Você não vai descansar mesmo. As mães ficam ocupadas nas folgas.

PARK SOO-YEON :Como se eu fosse a única a estar ocupada assim, né?

SONG HYO-SHIN: Quando eu penso no quanto você trabalha, eu gostaria de fazer mais por você.

Esse cenário, assim como sua existência na realidade, são exemplos de como estão organizados os papéis de gênero em nossa sociedade. A série analisada mostra como as mulheres continuam ocupando papéis inferiorizados, a partir da premissa da naturalização de tais divisões, como foi mostrado na discussão teórica do artigo. No entanto, discutir esse cenário a partir de uma obra televisiva traça um caminho para impulsionar a reflexão do público não se restringindo à mera identificação, mas com o intuito de impulsionar sua conscientização e o impacto dessas representações na perpetuação das desigualdades no mundo não-ficcional.

Considerações finais

A discussão tratada neste artigo se propôs a analisar as questões de gênero presentes na divisão sexual do trabalho da série dramática sul-coreana “Uma dose diária de Sol”. Nela, através das representações dos profissionais de Medicina e Enfermagem, se discutiu como são constituídos os estereótipos de gênero e a divisão do trabalho entre a atividade que é exercida em sua maior parte pelos homens e da mesma forma as que são atribuídas às mulheres.

Os resultados observados, a partir das análises nas cenas dos episódios do drama escolhido, traçam uma similaridade com as perspectivas sociais observadas no dia a dia entre as relações humanas, no que diz respeito as desigualdades de gênero entre os grupos de profissionais retratados. No aspecto do poder econômico, da inserção social, ou da diferenciação de conhecimentos, as cenas mostraram a divisão entre aqueles que ocupam a profissão da Medicina, que são vistos num patamar superior o qual é composto em sua maior parte por homens. Por outro lado, profissionais que atuam no cuidado, além de serem postos num patamar inferior, com atribuições de execução e representados pela profissão de Enfermagem, que em sua maior parte é composta por mulheres.

A partir deste produto audiovisual se desencadeou uma observação mais apurada utilizando uma metodologia ancorada nas ideias de Fiske (2011) que mostra como os códigos televisivos podem servir como elementos de análise para um produto feito para o entretenimento, que para além desta proposição pode ser visto como um texto a ser lido onde o que está contido dentro dele são elementos simbólicos construídos socialmente e reproduzidos dentro do ambiente cenográfico.

Sendo assim, a importância em se utilizar esta análise reside no fato de que as vivências do mundo do trabalho não podem estar desprendidas da realidade vivida, por isso ao mostrar as nuances da divisão sexual do trabalho na série estudada, se pode dizer que ela serve como um espelho das tensões e desafios enfrentados por indivíduos em uma sociedade onde as desigualdades de gênero ainda definem grande parte das trajetórias pessoais e profissionais. Em última instância, "Uma Dose Diária de Sol" oferece um terreno fértil para refletir como as estruturas de gênero se manifestam no cotidiano, convidando a uma reavaliação crítica dos papéis atribuídos e das possibilidades de construção de relações menos desiguais.

Referências bibliográficas

BILLIG, O. A.; SILVA, A. P. da. **A expansão do hallyu: o uso da diplomacia cultural e seus impactos na economia sul-coreana.** *Conjuntura Global*, v. 11, n. 1, p. 76-93, 2022. DOI: 10.5380/cg.v11i1.81508. Acesso em: 07 jul. 2025.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina.** 5.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. 160 p.

DOSE DIÁRIA DE SOL. *In: Wikipédia: a enciclopédia livre.* Wikipédia, 30 jun. 2025 [São Francisco, CA: Wikimedia Foundation, 2016]. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Daily_Dose_of_Sunshine. Acesso em: 07 jul. 2025.

FISKE, J. **Television Culture.** 2.ed. London: Routledge, 2011. 358 p.

GUERALDI, R. G. **A aplicação do conceito de poder brando (soft power) na política externa brasileira.** [s.d.]. 206f. Dissertação (Mestrado em Administração Pública). Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, [s.d.].

HALL, S. **Cultura e representação.** Rio de Janeiro: Apicuri, 2016. 260p.

HIRATA, H. O que mudou e o que permanece no panorama da desigualdade entre homens e mulheres? Divisão sexual do trabalho e relações de gênero numa perspectiva comparativa. *In: LEONE, E. T.; KREIN, J. D.; TEIXEIRA, M. O. (orgs.) Mundo do trabalho das mulheres: ampliar direitos e promover a igualdade.* Campinas: Secretaria de Políticas do Trabalho e Autonomia Econômica das Mulheres, 2017. p 143-173.

HOOKS, bell. **Teoria Feminista: da margem ao centro.** São Paulo: Perspectiva, 2019. 254p.

LA ROCCA, F. “A visão da paisagem no cinema: entre sonho e imaginário”. *In: PIRES, H. & MORA, T. (Eds.) Encontro de Paisagens.* Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade / Centro de Investigação em Ciências Sociais Universidade do Minho, 2012.

MAGALHÃES, M. D. de F. **Estereótipos de gênero na enfermagem brasileira: memória e perspectivas.** 83 f. Dissertação (Mestrado em Educação Sexual) - Universidade Estadual Paulista “Júlio De Mesquita Filho” – Unesp, Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual da Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2021. Disponível em: https://agendapos.fclar.unesp.br/agenda-pos/educacao_sexual/5684.pdf, Acesso em 25 jun. 2025.

MELO, H. P.; MORANDI, L.; DWECK, R. H. Uso do tempo e valoração do trabalho não remunerado no Brasil. *In: MELO, H. P. de; MORAES, L.L. (orgs.) A arte de tecer o tempo: perspectivas feministas.* Campinas: Pontes Editores, 2021. p. 109-140

MONTORO, T.; CALDAS, R. (orgs). **De olho na imagem.** Brasília: Editorial Abaré, 2006. 232 p.

PETARLY, R. R. **Meios de vida das famílias rurais: um estudo da influência das políticas públicas de inclusão produtiva na divisão sexual do trabalho rural.** 372 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Regional) – Universidade Federal do Tocantins, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional, Palmas, 2021. Disponível em: <https://repositorio.uft.edu.br/handle/11612/5261>. Acesso em 23 jun. 2024.

ROSA, D. F. C. da. **O que os k-dramas querem?** 94 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação do Curso de História da Arte) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, História da Arte, Porto Alegre, 2019. Disponível em:

<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/206626>. Acesso em: 07 jul. 2025.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SOUZA-LOBO, E. **A classe operária tem dois sexos**: trabalho, dominação e resistência. 3. ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, Editora Expressão Popular, 2021. 304 p.

UMA DOSE DIÁRIA DE SOL. Direção: Lee JQ, Produção: Kim Jong-hak. Coreia do Sul: **Netflix**, 2023. Disponível em: [https://about.netflix.com/pt_br/news/delight-in-a-daily-dose-of-sunshine -and-ther-korean-titles-this-november](https://about.netflix.com/pt_br/news/delight-in-a-daily-dose-of-sunshine-and-ther-korean-titles-this-november), Acesso em: 07 jul. 2025.

_____. Direção: Lee JQ, Produção: Kim Jong-hak. Coreia do Sul: **Netflix**, 2023. Disponível em <https://www.netflix.com/search?q=uma%20dose%20di%C3%A1ria%20de%20sol>. Acesso em: 07 de jul. 2025.

_____. Direção: Lee JQ, Produção: Kim Jong-hak. Coreia do Sul: **IMDb**, 2023. Disponível em https://www.imdb.com/pt/title/tt26258202/fullcredits/?ref_=tt_ov_ql_1. Acesso em: 23 jul. 2025.